

2. A PROPÓSITO DA POESIA COMO MÉTODO SOCIOLÓGICO* ¹

Primeira conversa com o crítico

O Crítico — Não estou contente com seus últimos livros. A rigor aceito que o sociólogo e o filósofo precisam se esforçar para ser entendidos por todo mundo; que atenuem suas pesquisas e escondam todo o material sobre o qual repousa seu edifício, seus trabalhos pacientes de aproximação, suas fichas documentárias, suas elaborações estatísticas. Mas, noto no senhor uma tendência mais grave — fazer da poesia um método de sociologia.

Eu — O senhor não está completamente enganado. É uma velha idéia. Cheguei até há quinze anos, num austero Congresso de Sociólogos de todas as nações, reunidos em Genebra, a cidade puritana, a censurar meus colegas por não lerem bastantes romances.

O Crítico — Quero mesmo chegar até lá. Está claro que encontramos em Balzac ou em Zola a mais rica documentação da sociedade da Restauração ou do Segundo Império. E não me esqueço no Brasil dos romances de Aluísio Azevedo ou de José Lins do Rego.

Eu — Não é bem isso. Se o fosse não teria senão arrombado uma porta aberta. Aludia a romances como o de Jacques Chardonne que,

* Reproduzido de BASTIDE, Roger. A propósito da poesia como método sociológico. *Cadernos*, São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, n. 10, 1.^a série, p. 75-82, nov. 1977.

¹ Publicado no *Diário de São Paulo*, 8 de fevereiro de 1946, e dedicado ao poeta Sérgio Milliet.

por um esforço de análise mental, faz uma verdadeira experiência sociológica. Toma um casal, separa-o do resto da sociedade, dando-lhe bastante dinheiro para que possa viver a própria vida isolado em pleno campo, num castelo de uma grande propriedade rural, afastado conseqüentemente de outros grupos sociais que pudessem reagir a eles. Com isso consegue ter o casal em estado puro. Pensava em tentativas desse gênero, não em romances que são considerados como puramente literários. Eles nos propõem métodos de trabalho, habituam-nos a certas maneiras em geral por nós pouco utilizadas para penetrar o social.

O Crítico — Ademais, o senhor está se desviando do assunto. Não falei de romance, posso deixá-los para o senhor. Falei de poesia.

Eu — Pede-se muito à poesia atualmente, não acha?

O Crítico — A meu ver um pouco demais. Fez-se dela uma magia, encarregada de buscar nos quatro elementos uma metafísica que nos arranca do mundo sensível para nos fazer entrar na intimidade das substâncias, na essência dos seres, ou para subir até às idéias puras, às essências platônicas, enfim uma mística, uma fuga da alma até Deus. . .

Eu — Confesse pelo menos que eu não sou tão ambicioso; só me utilizo dela no mundo dos fenômenos.

O Crítico — Mas, é justamente aí que seu poder finda. O sociólogo é um sábio e Durkheim nos ensinou que devemos desconfiar dos pensamentos subjetivos, rejeitar as idéias que fazemos das coisas e examinar as realidades de fora, olhar os fatos sociais do mesmo modo como se observam os fenômenos da natureza. Repele a introspecção e, com mais razão, a intuição. Quando o senhor pratica a sociologia, vai pedir à deusa das pitonisas que o inspire, e, quando escreve um artigo, senta-se por acaso no tripé sagrado? Essa idéia da poesia como forma de conhecimento funda-se em uma confusão — a confusão da verdade com o obscuro ou com a exaltação de uma alma inebriada. Na verdade, o poeta só atinge a superfície colorida ou musical das coisas, é um homem que não ultrapassa as aparências carnais, a pele sensível do real e que se encanta com isso. Se o sociólogo passa a fazer poesia, será também obrigado a permanecer na superfície pitoresca das realidades sociais, não se esforçará por analisá-las, compreendê-las, gozará somente de sua beleza. Substituirá o critério da verdade pelo do valor estético, que nada tem a ver com a ciência. O senhor tem noção para onde vai, pretendendo fazer da sociologia o que Jules Gaultier desejava fazer da filosofia — um espetáculo? De minha parte, quando abro um livro de sociologia, não sinto um prazer do mesmo tipo como quando vou a um teatro, chorar com uma tragédia ou rir com uma comédia.

Eu — Compreendo o que o senhor diz e aprovo. Mas, esse método positivo, puro, que o senhor propõe para a sociologia, foi construído pouco

a pouco, pelo contato com os fatos físicos. Será que o senhor se esquece de que a sociedade é formada de homens, isto é, de seres pensantes? O senhor se esquece, uma vez que falou em Durkheim, de que com a simples reunião de homens pensantes aparecem fenômenos novos, originais? Estamos, nesse ponto, num domínio em que se podem reduzir as coisas a conceitos. O real os ultrapassa de todos os lados. Se o sociólogo se limitar a fazer entrar as coisas em certos quadros, a pregar etiquetas, a colar papel gomado, em lugar de nos dar uma imagem exata do que quis estudar, não nos dará mais do que uma visão de museu; o social ficará empalhado dentro de uma vitrine. Não quero uma ciência que cheire a inseticidas. A física tende a matematizar o universo, a sociologia a desmatematizar. Os números governam o universo, mas os homens governam os números. O sábio só descobre as leis do universo sob a condição de decompor o mundo em sistemas fechados, de distinguir nesses sistemas fechados uma hierarquia de condições e de chegar, finalmente, por meio de análises, à condição necessária e suficiente do fato que é objeto de suas pesquisas; o sociólogo, ao contrário, encontra-se em presença de fenômenos nos quais o total é diferente do conjunto das partes, em que tudo reage sobre tudo; além disso, é ele levado pela corrente do tempo; de modo que, quando separa, mutila, e quando acaba de formular as várias relações, essas relações já mudaram. Não deverá ele, pois, proceder um pouco como o mergulhador que se joga no mar para conhecer, ao menos aproximadamente, a riqueza líquida? A poesia é esse mergulho.

O Crítico — Caso eu esteja compreendendo bem, o que o senhor chama de poesia não é mais do que a intuição bergsoniana. Bergson tenta, por um desses esforços de interiorização, dessas descidas difíceis no *élan vital*, colocar-se no instante em que o impulso do instinto se transforma em coerção social, ou ainda no decorrer daquele instante em que as necessidades biológicas proliferam em flores imaginárias, em mitos.

Eu — Não nego que devo muito a Bergson. Mas meu método é infinitamente mais modesto. Aliás, aceitar a intuição bergsoniana é aceitar a teoria do *élan vital*. E eu não faço metafísica. Não quero ser senão um erudito, ou, para falar mais precisamente, um aluno de ciência. É por isso que proponho o termo intuição poética, para evitar qualquer confusão. Trata-se, para o sociólogo, de não se colocar fora da experiência social, mas de vivê-la, senão totalmente, pois não podemos ser *Fregolis*², transformando-nos sucessivamente em operário e patrão, empregado de banco e malandro, entregador de loja e missionário, mas nos aproximando deles pelo menos por um esforço de simpatia, por uma espécie de naturalidade instintiva. Trata-se de uma transfusão da alma.

² Mímico célebre por suas transformações rápidas.

Precisamos nos transformar naquilo que estudamos — multidão, massa, classe ou casta. As construções sociais podem ser descritas de fora, como um ajuntamento mecânico de peças. Mas elas têm também um sentido, um significado. Todavia, esse sentido não é sempre aquele que emprestamos a elas. Lévy-Bruhl mostrou os perigos que há em julgar as instituições dos primitivos através de categorias de nossa compreensão moderna. É preciso, apelando para um ato de amor, transcender nossa personalidade para aderir à alma que está ligada ao fato a ser estudado.

O Crítico — Compreendo. É aí que está o perigo. Pois não se pode sair de si mesmo.

Eu — Então toda a sociologia se limitará a ser uma sociologia do conhecimento; nossas teorias não expressarão mais que nossos interesses de classe e, quando estivermos certos de ter definido o social, não teremos senão proclamado nossos preconceitos de burgueses, de funcionários ou de proletários. É justamente isso que censuro na sua sociologia dos conceitos. Os alemães nos mostraram as inquietantes camadas inferiores. Penso que só a poesia é capaz de nos fazer sair dessa sociologia do saber, pois a poesia é o desinteresse.

O Crítico — Mesmo que estivesse de acordo, não o aceitaria como um ponto de partida. Toda a realidade, para ser compreendida, deve se referir a uma experiência vivida. Mas, trata-se somente de uma técnica de aproximação, entre outras técnicas como a estatística e a pesquisa histórica. Depois é que eliminamos os alicerces para só deixar visível o palácio, a ordem bem disposta dos conceitos. Censuro o senhor por ter deixado penetrar nos seus estudos pedaços inteiros de puro lirismo.

Eu — Ainda voltaremos a conversar.

Segunda conversa com o Crítico ³

Eu — Por ocasião de nossa última conversa quase ficamos de acordo. Para apreender a riqueza social em toda a sua farta complexidade, precisamos recorrer aos mais variados métodos, mesmo ao método poético, caso seja necessário. É aquilo que já denominei, como o senhor deve estar lembrado, princípio dos projetores convergentes que iluminam o objeto estudado, como num teatro a dançarina é aprisionada nos múltiplos fachos luminosos que jorram de todos os cantos da sala. Mas na sua opinião, pelo contrário, esse método poético só deve ser utilizado no trabalho de preparação, devendo ser depois seus resultados incorporados ao edifício dos conceitos racionais que formam a sociologia.

³ Publicado no *Diário de São Paulo*, 22 de fevereiro de 1946.

O Crítico — É bem a conclusão a que chegamos. Toda a ciência é uma reconstrução da realidade. Substitui-se a imagem confusa do mundo, dada pelos sentidos ou pela experiência íntima, por uma imagem total, fruto do trabalho intelectual. A sociologia não é uma exceção à regra. Ela é um sistema de relações lógicas.

Eu — Evidentemente. Mas ao mesmo tempo não se deveria esquecer que o real, se freqüentemente parece se submeter às leis do espírito, resiste às vezes, sendo então o estudioso obrigado a reconhecer essa resistência. Um exemplo disso na física é o princípio de Carnot.

O Crítico — Não tenha receios. Li Meyerson e aceito as conclusões de seu livro *Identité et réalité*.

Eu — Mas essa parte irracional, enorme já no domínio da natureza, aumenta ainda mais quando se passa para o domínio das ciências do espírito. Ficamos então diante de um dilema: ou a sociologia se limita à descrição do que é racional na sociedade, formando um todo harmonioso mas cheio de lacunas, ou então resolverá ser uma ciência total e terá de reproduzir uma imagem desses elementos irracionais, desses fundos perturbadores e sentimentais, desses movimentos de massa, dos ditames do inconsciente coletivo. Não vejo meio possível para isso senão a expressão poética.

O Crítico — *Obscura per obscurius*.

Eu — Não, pelo contrário, a poesia é a única luz capaz de iluminar o mundo da obscuridade. O senhor mesmo aceitou no decorrer de nossa última conversa que o conceito ou, caso prefira, o pensamento simbólico, deve se basear em última análise na experiência direta. Crê o senhor que o homem tenha tão freqüentemente essa experiência do social? Muitas vezes vivemos na sociedade como autômatos ou sonhadores acordados; deixamo-nos guiar por ela, respondemos aos estímulos, sem ter muita consciência da situação. A expressão poética me parece mais apropriada que qualquer outra para forçar o leitor a viver na experiência comunitária, juntando assim à compreensão lógica, que alcança a sua inteligência, um sentimento direto, uma compreensão mais íntima.

O Crítico — Seria então um método pedagógico.

Eu — Mais do que isso. A expressão poética não seria pedagógica se a sociedade nada tivesse de poético. Há, porém, na sociedade, um elemento de poesia, sendo a expressão poética um esforço de fidelidade em relação à própria verdade das coisas.

O Crítico — Vamos nos deter um pouco, pois parece que o senhor pensa que a poesia tem uma existência objetiva, que ela se encontra nas coisas exteriores, quando na verdade ela está sempre na alma do escritor, do observador ou do leitor.

Eu — Talvez isso seja verdade, caso nos refiramos aos objetos da natureza — uma paisagem, uma árvore, um animal. Essas coisas só se

tornam poéticas pela sua passagem e suas metamorfoses através do coração do artista. A estética é uma tendência permanente, universal e profunda da humanidade, que existe desde o tempo dos habitantes das primitivas cavernas, que faziam dos ossos flautas musicais e desenhavam nas paredes das rochas, com suas mãos tintas de vermelho, os saltos dos animais ou os arabescos de seus sonhos. E, uma vez que a sociedade é formada de homens, forçosamente deveremos tornar a encontrar nela esses elementos estéticos. A estrutura social não é somente um conjunto de relações de *status*, de comportamentos ou de regras, é uma organização na qual se imprime um pouco da atividade estética dos homens. Há um elemento de etiqueta, de educação, de gratuidade, um certo prazer no conjunto que constitui aquilo a que se dá o nome de cultura. Além disso, a dispersão dos homens na terra tende a relaxar os laços sociais; é necessário que em certas ocasiões os homens se reúnam para juntos experimentarem sentimentos de comunhão. O senhor sabe como são chamadas essas reuniões — festas. Há sempre na festa um elemento estético. A comunhão se faz na poesia. Concluindo, não há sociedade sem representações coletivas, sem um certo *paideuma*, uma certa configuração espiritual e não sei não só como me aproximar disso, como também expressá-la sem recorrer a alguma coisa que se parece com a poesia.

O Crítico — O senhor deve ir então até o fim. Por que não escreve um tratado de sociologia em redondilhas ou em sonetos? E caso tais gêneros não lhe sejam agradáveis, espero pelo menos de si um poema em doze cantos, um *De natura rerum socialitatis*.

Eu — Creio não me ter feito compreender bem. Quando falo de poesia, não falo daquela poesia que se liga à versificação, e por isso não aceito sua ironia. O sociólogo pode e deve se utilizar da expressão poética que se liga à poesia sociológica, o que é totalmente outra coisa. Não se trata de recomençar o Unanimismo de Jules Romain, a tentativa para descobrir o que pode ser utilizável, na sociedade, do lirismo dos poetas tradicionais. Trata-se, com o fim de dar uma imagem exata da sociedade, não de desencadear, mas sim de exprimir tão fielmente quanto possível os elementos estéticos da vida social. Trata-se pois de uma expressão poética especial — a expressão da poesia sociológica.

O Crítico — Não está muito claro.

Eu — Reconheço isso também, mas se fosse claro teria que recorrer justamente a esse tipo de expressão? Recordo-me de uma rainha provençal que, se referindo à poesia, dizia: “essa ciência, a mais exata de todas as ciências”. É esse o sentido em que coloco a questão. A expressão poética é uma forma de exatidão científica. Ela só intervém quando a detém uma seriação conceitual, ela não deve intervir onde não tenha o que fazer. A sociologia é exatamente aquele edifício de relações racionais do qual o se-

nhor falava, um conjunto de conceitos e de leis, de pesquisas causais e de definições objetivas. Mas uma linha melódica deve cercar esse conjunto para dar a impressão do que existe em toda a sociedade de vida, de harmonia, ou mesmo de notas falsas, enfim, de vida criadora, de sua organização em movimento, de seu equilíbrio no decorrer dos tempos. Talvez um exemplo esclarecesse melhor meu pensamento. Quando eu descrevi o *Candomblé da Bahia*, poderia ter me abandonado ao lirismo de uma descrição selvagem, falar de loucura coletiva. Mas teria então substituído uma imagem real por uma falsa, por um sentimento de branco, poderia ter feito poesia contra a verdade. Teria sido uma poesia de poeta tradicional. O candomblé é um ritual bem regulamentado, fruto de uma cultura. É essa poesia tão diferente — a poesia sociológica — que eu tentava traduzir. Neste caso a poesia não é traição, mas a vontade de alcançar uma fidelidade mais precisa.